



Os Piquetes Tradicionalistas Gaúchos de São Borja enquanto veículos de Folkcomunicação¹

Fábio Rodrigues Corniani²

Fabiano NEU³

José Willis da Silveira Jardim⁴

Rogelia Barbosa da Silva⁵

Universidade Federal do Pampa, Campus São Borja, RS

Resumo

O presente trabalho se propõe a abordar o folclore do estado do Rio Grande do Sul como um canal de comunicação coletiva, utilizando como objeto de estudo os denominados “piquetes”, grupos que encontram sua expressividade à margem dos centros instituídos como oficiais e autorizados dentro do Movimento Tradicionalista Gaúcho e que atuam na cidade de São Borja. Busca-se identificar o processo folkcomunicação presente na relação fonte-líder-audiência, assim como analisar de que maneira a mensagem é comunicada neste processo.

Palavras-chave: tradicionalismo; folclore; Folkcomunicação.

Introdução

A teoria da Folkcomunicação teve início com os estudos do professor e jornalista, o pernambucano Luís Beltrão que postula que:

Não é somente pelos meios ortodoxos – a imprensa, o rádio a televisão, o cinema a arte erudita e a ciência acadêmica – que, em países como o nosso, de elevado índice de analfabetos e incultos, ou em determinadas circunstâncias sociais e política, mesmo nas nações de maior desenvolvimento cultural, não é somente por tais meios e veículos que a massa se comunica e a opinião pública se manifesta. Um dos grandes canais de comunicação coletiva é, sem dúvida, o folclore. (BELTRÃO apud MARQUES DE MELO, 2001 p. 49).

A Folkcomunicação busca estudar a cultura popular enfocando o seu caráter

¹ Trabalho apresentado no DT 8 – Estudos Interdisciplinares da Comunicação do XI Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul realizado de 17 a 19 de maio de 2010.

² Doutorado em Comunicação Social pela Universidade Metodista de São Paulo, Brasil (2009)
Professor Adjunto da Universidade Federal do Pampa, Brasil Fabio@frcc.com.br

³ Acadêmico do 3º período do curso de Comunicação Social - habilitação Publicidade e Propaganda da UNIPAMPA/RS f.neu@hotmail.com

⁴ Cursando 8º semestre de comunicação social- habilitação Publicidade e Propaganda da UNIPAMPA/RS Willis@gpsnet.com.br

⁵ Cursando 8º semestre de comunicação social- habilitação Publicidade e Propaganda da UNIPAMPA/RS rogeliab.silva@hotmail.com



informativo, utilizando-se de métodos, técnicas e embasamento teórico para compreender de que maneira o folclore é utilizado como uma maneira de comunicação das massas. Entender a comunicação e os processos de interações culturais das comunidades, as relações entre emissor e receptor dentro dos grupos de indivíduos, analisando o processo folkcomunicacional proposto por Beltrão: fonte, mensagem, canal, meios de comunicação de massa e audiência, onde estão inseridos os líderes de opinião ou o folkcomunicador.

O foco deste estudo são as pessoas, as relações e negociações existentes entre elas e sociedade, as tradições inseridas nos grupos, valores e normas, não necessariamente do que é certo ou errado, mas saber o que legitima um indivíduo a ser o líder de opinião, o intermediário que detém maior informação e influência os demais do grupo.

Em tratando-se de folkcomunicação e identidade popular pode-se dizer que em um país como o Brasil, não existe homogeneização. Não só na variedade de autores discutindo o assunto, como também na amplitude geográfica na cultura brasileira. Especialmente porque é possível verificar textos em publicações da área, como a revista Signos (2004), fenômenos comunicacionais ligados às expressões populares desde a Amazônia passando pelo nordeste, Mato Grosso do Sul, até chegar ao sul com investigações que passam pelo Paraná e Rio Grande do Sul. No Rio Grande do Sul nos detemos no gauchismo tradicional, criador da figura estereotipada do gaúcho.

Para compor este estudo foram entrevistadas algumas pessoas identificadas como líderes de opinião dentro do Tradicionalismo Gaúcho na cidade de São Borja, como padrões de CTGs e PTGs, apresentadores de programas de rádio voltados à tradição gaúcha além de integrantes dos piquetes.

Tradicionalismo Gaúcho

O Movimento Tradicionalista Gaúcho foi criado na década de 1960 com o intuito de identificar e codificar elementos da vida dos antepassados, seus costumes e crenças (especialmente o homem do campo), até então comunicados oralmente, assim como lembrar os feitos dos gaúchos na Revolução Farroupilha estabelecendo assim um sistema de regras para que a Tradição fosse mantida e transmitida às futuras gerações. O MTG (Movimento Tradicionalista Gaúcho) tornou-se então um órgão associativo com um estatuto, que congrega mais de 1400 Entidades Tradicionalistas, legalmente constituídas, conhecidas por CTGs (Centro de Tradições Gaúchas) ou outras



denominações, que as identifiquem com a finalidade a que se propõe, que são as “entidades a fins”. As Entidades Tradicionalistas filiadas ao MTG estão distribuídas nas 30 Regiões Tradicionalistas, as quais agrupam os municípios do RS. É um movimento cívico e cultural e tem a função de disciplinar e orientar as atividades destes Centros, regidos pela Carta de Princípios que contém a filosofia de conduta que os tradicionalistas devem seguir. Dentre as exigências, segundo o site do MTG, acesso em 23 de março, estão as que só se entre no recinto dos CTGs em dias de festas, se estiver devidamente “pilchado”, ou seja, com a indumentária própria do gaúcho; se caso o homem usar a “melena” (cabelos compridos), deve estar solta; as músicas, danças e comidas obrigatoriamente serão as típicas gaúcha. Um CTG deve conter quadro social e organização administrativa e não tem fins lucrativos. Na cidade de São Borja existem três destes Centros – o CTG Tropicilha Crioula, o Boi-tatá e o CFTG Farroupilha.

A principal festa tradicionalista gaúcha é a Semana Farroupilha, ocorrida nos dias que antecedem o Vinte de setembro, data que marca o início da Revolução Farroupilha no ano de 1835, e instituído então, como o Dia do Gaúcho. As comemorações acontecem nas sedes dos CTGs e incluem manifestações culturais como bailes com músicas e danças tradicionais, jantares com comidas típicas e culminam no Desfile de cavaleiros e carros temáticos, representando as tropas dos guerreiros que lutaram na Revolução e tem a intenção de relembrar seus feitos. O desfile ocorre em todo o estado e é composto pelos CTGs, assim como grupos chamados “piquetes”.

Os Piquetes

Um PTG (Piquete Tradicionalista Gaúcho) é liderado por pessoas que, de certa forma, estão ligadas ao Tradicionalismo e cujo objetivo é agregar membros para desfilar no Vinte de Setembro, assim como cultivar os costumes dos antepassados, porém sem seguir a rigidez normativa que o MTG impõe. Eles se vinculam de maneira informal aos CTGs para poderem desfilar, porém não tem nenhuma conexão legal com estes e não participam de suas atividades. São, geralmente, compostos por pessoas de baixo poder econômico e sem contato direto com o Tradicionalismo formal disseminado pelo MTG através de seus CTGs. Sua estrutura é basicamente a de um CTG, porém de forma simplificada. Não se faz necessário associar-se a um piquete para participar de suas atividades. Alguns PTGs organizam-se e tornam-se CTGs ao adequarem-se as normas do MTG. Não se pode precisar exatamente o número dos piquetes existentes em São



Borja, pois não há um registro oficial, diferente de algumas cidades em que se organizam em associações. A cada ano novos grupos são formados e outros se extinguem. Alguns possuem sede própria e suas atividades se resumem a bailes, muitas vezes com fins lucrativos e a preparação para o desfile em setembro, além de eventuais cavalgadas e participações em rodeios crioulos.

O processo folkcomunicação nos PTGs

Dentro do processo folkcomunicação descrito por Beltrão, podemos enquadrar o MTG como a fonte oficial que se utiliza de seus Centros de Tradição Gaúcha como canal para a difusão de sua mensagem. A ação destes Centros não atinge como um todo a população gaúcha, mas em especial o seu quadro social, que tem um contato direto com suas manifestações ou ainda, uma parcela dentro deste quadro social que tem um especial interesse em aprofundar-se dentro do conhecimento codificado pelo movimento. Os piquetes são formados por líderes de opinião que tem um contato mais estreito com o tradicionalismo difundido pelos CTGs, mas que não estão em total acordo com suas normas e transmitem a mensagem de uma maneira simplificada para os seus participantes que compõem a audiência folk. Essa transmissão é essencialmente oral e grande parte desta audiência desconhece a codificação adaptada pelo MTG e considera os costumes seguidos como a mais pura expressão de seus antepassados. Este processo faz com que a mensagem seja comunicada a um número maior de pessoas que não teriam acesso a esses conhecimentos principalmente por uma questão sócio-econômica, já que o quadro social dos CTGs é essencialmente composto por pessoas com um maior poder aquisitivo. Os CTGs exaltam a vida do homem simples do campo, porém o gaúcho simples de hoje não encontra seu espaço dentro de tais entidades tendo nos PTGs, a oportunidade de cultivar as tradições. A inserção dos PTGs no desfile de Vinte de setembro ajuda a construir a narrativa de um passado de feitos heróicos. Esta narrativa ainda que, em partes, lúdicamente inventada acaba por produzir na audiência um efeito de factualidade, ajudando a perpetrar aquilo que ficou institucionalizado como identidade gaúcha.

Considerações Finais



Uma das questões cabais dentro das pesquisas em Folkcomunicação é não confundir-la com a perspectiva antropológica das manifestações folclóricas e culturais. A mensagem folkcomunicacional está presente nos piquetes na cidade de São Borja de maneira inconsciente e apesar destes não estarem totalmente em harmonia com os estatutos do Movimento Tradicionalista Gaúcho, manifestam o objetivo deste que é o de manter vivo os costumes, e tem sua ação na camada mais popular e numerosa da comunidade. A não existência de tais grupos restringiria a disseminação da mensagem a um número muito pequeno de pessoas e acabaria por se perder. Este conhecimento está entranhado no coletivo e apesar de não ser considerado tão purista pelos tradicionalistas formais, acaba difundindo-se de geração em geração.

Referências bibliográficas

BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997, 356 p.

BERLO, David Kenneth. **O processo da comunicação: introdução à teoria e à prática**. São Paulo: Martins Fontes – 9ª Ed. – 1999.

GADINI, Sérgio Luiz, WOITOWINCZ, Karina Janz orgs. **Noções Básicas de Folkcomunicação**. Editora UEPG.

LIMA, Jarbas. **O Sentido e o Alcance Social do Tradicionalismo**.
<http://www.mtg.org.br/alcance.html>. Acesso em 21 de março de 2010.

MARQUES DE MELO, José. **Mídia e Folclore**. Maringá/SBC: Faculdades Maringá/Cátedra Unesco: UMESP, 2001.

MOURA, Maria Izabel T. De. **Tradição, nativismo e folclore**.
<http://www.mtg.org.br/conceituacoes.html>. Acesso em 21 de março de 2010. MARTÍN-
O que é um MTG. <http://www.mtg.org.br/oquee.html>. Acesso em 21 de março de 2010.

PINTO, Cíntia Xavier da Silva. **Folkcomunicação e Manifestações de Identificação Popular**.
Revista SIGNOS. Edição especial Folkcom 2004. Lajeado/RS: Univates, 2004. 131p. Ano 25 –
Número 1.

SAVARIS, Manoelito Carlos. **A maior festa popular do Rio grande do Sul**.
<http://www.semanafarroupilha.com.br/> acesso em 21 de março de 2010.



TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos**. Apresentado no Seminário Nacional de Políticas Públicas para as Culturas Populares, fev./ 2005 em Brasília –DF.

TRIGUEIRO, Osvaldo Meira. **A Folkcomunicação e as múltiplas (inter) mediações culturais da audiência da televisão**.

WOITOWICZ, Karina Janz. **Entre a mídia e a cultura popular, os olhares folkcomunicacionais**.